

Governo Biden anuncia a utilização da Estação Espacial Internacional (ISS) até 2030.

Matheus Marculino dos Santos¹



Figura 1 - Estação Espacial Internacional (ISS) vista do espaço

Fonte: página oficial da NASA ²

No último dia de 2021, a NASA, a agência espacial dos Estados Unidos, anunciou em seu site oficial a pretensão de estender a vida útil da Estação Espacial Internacional (ISS) até meados de 2030. Isso ocorrerá com os seus aliados internacionais e as suas respectivas agências espaciais, como a JAXA (Japan Aerospace Exploration Agency) do Japão, a Agência Espacial Europeia (ESA), organização que reúne os países europeus, Agência Espacial Canadense (CSA) e a Agência Espacial Russa (ROSCOSMOS) (DUNBAR, 2021).

A estação construída no final da década de 1990 e concluída em 2011 com o auxílio do ônibus espacial é até hoje símbolo de cooperação internacional para o uso pacífico do espaço e de desenvolvimento tecnológico. Ao longo dos últimos vinte anos, esse empreendimento conjunto entre as principais potências internacionais garantiu o domínio do

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGRI-UERJ); e-mail: matheus_rj96@hotmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9859-6823>

² Disponível em: <https://blogs.nasa.gov/spacestation/2021/12/31/biden-harris-administration-extends-space-station-operations-through-2030/>

espaço pelos EUA e serviu na realização de milhares de projetos científicos, tecnológicos e educacionais em benefício ao desenvolvimento da humanidade e da exploração espacial (DUNBAR, 2021). Entre as notáveis participações nesse empreendimento espacial foi a do astronauta e atual Ministro da Ciência e Tecnologia Marcos Pontes em 2006, que conduziu experiências científicas nacionais e foi o primeiro e único brasileiro a participar de uma missão desse cunho.

A divulgação dessa notícia veio em um contexto marcado pelo aumento de atores estatais e não estatais no ambiente espacial, onde eles buscam se inserir em órbitas estratégicas para a perseguição dos seus interesses. Tal fato ressalta o valor das atividades espaciais aos objetivos das principais potências internacionais, sobretudo China e EUA, que estão levando as suas disputas geopolíticas, econômicas e militares para esse campo. Segundo dados do site Olhar Digital, somente em 2021 a China realizou 55 lançamentos de foguetes, enquanto os EUA 48 e o Japão com 3 (RIGUES, 2021). As principais consequências desse acirramento nas questões espaciais são o aumento da militarização e o seu papel estratégico na atual distribuição de poder no Sistema Internacional (SI).

Vale destacar que antes desse comunicado, o futuro da Estação Espacial Internacional (ISS) estava incerto, pois ela duraria até o final de 2024, colocando os EUA e os seus aliados sem a permanência no espaço e na dependência da atual estação espacial chinesa em construção para a condução de experiências científicas. Dessa forma, a decisão assertiva do governo Biden pôs fim a esse impasse envolvendo a presença norte-americana nesta última fronteira humana, e garantiu a sua manutenção até que uma nova estação norte-americana estivesse pronta.

Isso demonstra a visão norte-americana em continuar exercendo a liderança nas atividades espaciais no século XXI, cada vez mais fundamental nas aplicações comerciais, econômicas e militares de qualquer nação. Elas têm um grande vínculo nas questões de segurança e defesa ao fornecer dados que contribuem na proteção contínua do território norte-americano, na comunicação das suas tropas localizadas em diversas partes do mundo e no desenvolvimento tecnológico.

O exemplo mais notório da importância estratégica das atividades espaciais foi a criação da Força Espacial dos Estados Unidos (USSF) em 2018 no então governo Trump. Esse mais novo braço militar norte-americano foi um marco nas atividades espaciais, pois houve uma visão da principal potência internacional na manutenção de seu status e na projeção de poder. A sua criação pode ser analisada como uma medida dos EUA assegurar a sua presença no espaço para fins militares, científicos e econômicos. E fomentar a criação de

estações espaciais operadas comercialmente ou militarmente. Um dos motivos que contribuem para isso é que qualquer objeto artificial instalado em órbita é inerentemente internacional, pois ele consegue monitorar e enviar informações a diversas partes do planeta.

Ademais, a continuidade da ISS até 2030 é uma maneira dos EUA a utilizarem como base de preparação a futuras missões e alcançarem a tão sonhada meta do retorno do homem à Lua com o Programa Artemis, projeto liderado pelos EUA e composto pelos seus aliados internacionais, entre eles Coreia do Sul e Brasil (DUNBAR, 2021). Esse ambicioso projeto revela a nova dinâmica espacial dos EUA, que combina a cooperação com os seus históricos parceiros internacionais e a emergência de novos atores privados no espaço, fenômeno conhecido como *New Space*. Quanto a este último, um exemplo disso foi a assinatura de contratos com a empresa SpaceX do bilionário Elon Musk, destinados à elaboração das tecnologias e cápsulas das missões de exploração lunar.

Há também a intenção de algo semelhante ser feito para a construção de uma estação espacial privada que garanta a permanência norte-americana no espaço. Esses arranjos na cooperação espacial ampliam o leque de possibilidades de permanência norte-americana no espaço sideral e ajudam no barateamento dos seus custos, tornando assim o ambiente espacial mais acessível aos atores públicos e privados. Nas palavras do presidente da NASA, Bill Nelson (DUNBAR, 2021):

“The United States’ continued participation on the ISS will enhance innovation and competitiveness, as well as advance the research and technology necessary to send the first woman and first person of color to the Moon under NASA’s Artemis program and pave the way for sending the first humans to Mars. As more and more nations are active in space, it’s more important than ever that the United States continues to lead the world in growing international alliances and modeling rules and norms for the peaceful and responsible use of space.”

Caso a aprovação pelo governo Biden para a extensão da operação da ISS não ocorresse, a China seria a única nação com sólida presença no espaço. Isso elevaria ainda mais a sua influência espacial a partir da projeção de poder e na capacidade de realizar experimentos científicos em microgravidade com os seus aliados. No último ano, o gigante asiático iniciou a construção do primeiro módulo da sua mais nova estação espacial, chamada Tiangong, também na órbita baixa terrestre, sigla em inglês para Low Earth Orbit (LEO).

Isso é uma clara demonstração do aumento do poderio espacial chinês e na sua vontade política expressa em documentos oficiais e na mobilização governamental em

consolidar presença nesse ambiente com sua própria estação espacial, missões robóticas na Lua e Marte, satélites posicionados em diferentes órbitas terrestres e cooperação internacional com parceiros em comum.

Referências:

DUNBAR, Brian. 2021. “Biden-Harris Administration Extends Space Station Operations Through 2030 – Space Station.” **NASA Blogs**. Disponível em:

<https://blogs.nasa.gov/spacestation/2021/12/31/biden-harris-administration-extends-space-station-operations-through-2030/>

RIGUES, Rafael. 2021. “Na "última hora", China fecha 2021 com 55 lançamentos de foguetes.” **Olhar Digital**. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/12/31/ciencia-e-espaco/na-ultima-hora-china-fecha-2021-com-55-lancamentos-de-foguetes/>